

INTRADUZIBILIDADE: POLÊMICA TRADUTÓRIA NO *JOURNAL DES DÉBATS*¹

UNTRANSLATABILITY: ON THE TRANSLATORY CONTROVERSY IN THE *JOURNAL DES DÉBATS*

Cristian Cláudio Quinteiro MACEDO*
Patrícia Chittoni Ramos REUILLARD**

Resumo: O presente artigo é o resultado de uma pesquisa de Historiografia da Tradução. Seu objetivo é apresentar ao leitor de língua portuguesa um episódio significativo da história do pensamento tradutório. No período em que se desenvolvia a célebre crítica literária do *Journal des Débats*, a posição sobre a tradução de um dos seus mais importantes articulistas movimentou o meio literário ao levantar a questão sobre a traduzibilidade das obras da Antiguidade Clássica. Jean Joseph Dussault defendeu veementemente o que chamou de seu sistema, no qual sustentava a intraduzibilidade dos antigos. Por outro lado, seu amigo e colega de redação, Charles Marie Dorimond de Féletz, discordava dessa posição. Diante da veemência e da intransigência da crítica de Dussault, Féletz apresentava um posicionamento entendido como uma justa medida entre a radicalidade da intraduzibilidade e a avalanche de traduções do mercado editorial do período. A postura rígida de Dussault parece ter selado sua carreira no jornal, abrindo espaço para uma nova fase na crítica de traduções desse veículo, então sob a liderança de Féletz, o vencedor do debate. Apesar disso, em termos teóricos, Dussault aponta horizontes para as possíveis utilidades da tradução como a formação de escritores, aperfeiçoamento de professores e publicações de obras técnicas.

Palavras-chave: crítica literária; crítica de tradução; historiografia da tradução; intraduzibilidade.

Abstract: This article is the result of a research on Translation Historiography. Its objective is to present to the Portuguese-speaking reader a significant episode in the history of translation thinking. During the period when the famous literary criticism of the *Journal des Débats* was being developed, the position on the translation of one of its most important writers moved the literary milieu by raising the question of whether or not the works of Classical Antiquity were translatable. Jean Joseph Dussault vehemently defended what he called his system, in which he maintained the untranslatability of the ancients. On the other hand, his friend and writing colleague, Charles Marie Dorimond de Féletz, disagreed with this position. Faced with the vehemence and intransigence of Dussault's criticism, Féletz presented a position understood as a "just measure" between the radicality of untranslatability and the avalanche of translations in the publishing market of the period. Dussault's rigid posture seems to have sealed his career at the newspaper, making way for a new phase in the criticism of translations in this medium, then under the leadership of Féletz, the winner of the debate. Despite this, in theoretical terms, Dussault points out horizons for possible uses of translation, such as training writers, improving teachers and publishing technical works.

Keywords: literary criticism; translation criticism; translation historiography; untranslatability.

¹ Artigo baseado em dissertação de mestrado defendida por Cristian Macedo em 2019, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), orientada pela Prof^a Dr^a Patrícia Chittoni Ramos Reuillard.

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); E-mail: cristian.macedo@ufrgs.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7785-7534>.

** Doutorado em Letras pela UFRGS; Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); E-mail: patricia.ramos@ufrgs.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3643-3209>.

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar ao leitor de língua portuguesa um episódio significativo da história do pensamento tradutório. A partir de uma pesquisa mais ampla, na qual a questão norteadora era “como se dava a avaliação das traduções na primeira metade do século XIX na imprensa francesa?”, nos deparamos com um interessante debate. Seu objeto foi a própria traduzibilidade de determinados textos.

No período em que se desenvolvia a célebre crítica literária do *Journal des Débats*, a posição sobre a tradução de um dos seus mais importantes articulistas movimentou o meio literário ao levantar a questão sobre serem ou não passíveis de tradução as obras da Antiguidade Clássica. Jean Joseph Dussault defendeu veementemente o que chamou de seu “sistema” no qual sustentava a intraduzibilidade dos antigos. Por outro lado, seu amigo e colega de redação, Charles Marie Dorimond de Féletz, discordava desse posicionamento. A postura rígida de Dussault, mesmo que aos poucos tenha apresentado a utilidade da tradução de certas obras, parece ter selado sua carreira no jornal, abrindo espaço para uma nova fase na crítica de traduções desse veículo, então sob a liderança de Féletz, o “vencedor” do debate.

Tomando como fonte histórica as resenhas críticas publicadas no *Débats* entre 1811 e 1818, distribuímos nosso artigo nas seguintes seções: primeiramente, uma breve apresentação das referências de pesquisa; depois, a contextualização dos personagens do debate estudado; e, por fim, alguns pontos relevantes do debate.

2 Historiografia dos discursos sobre tradução

Hurtado Albir (1994) elabora sua perspectiva sobre a disciplina tendo por base o modelo de Holmes (2000) para os Estudos da Tradução, proposto em *The Name and Nature of Translation Studies* (publicado originalmente em 1972). Para ela, o lugar da Historiografia da Tradução é o de uma dimensão que transpassa seus três ramos: o descritivo, o teórico e o aplicado. A historiografia dos discursos acerca da tradução, perspectiva na qual o presente artigo se encaixa, é uma das possibilidades de pesquisa no campo, ajustando-se ao ramo teórico dos Estudos da Tradução.

Já em Woodsworth (1998), obtemos a orientação em relação às possíveis questões quando produzimos uma pesquisa em historiografia dos discursos sobre tradução:

[...] o que disseram os tradutores sobre sua arte/ofício/ciência? Como foram avaliadas as traduções em diferentes épocas? Que tipo de recomendações davam os tradutores?

Como foi ensinada a tradução? Como se relacionava esse discurso com outros discursos do mesmo período?² (1998, p. 101, tradução nossa³).

Encontramos também uma perspectiva historiográfica para analisar os discursos sobre tradução em Brigitte Lépinette, que organizou sua abordagem em dois grandes modelos: o *sociológico-cultural* e o *histórico-descritivo*. O *sociológico-cultural* toma o fenômeno *tradução* em seu contexto social e cultural de produção e recepção. Visa determinar e avaliar as consequências da tradução na história da cultura nacional a que se destina. As relações causais seriam o eixo desse modelo historiográfico (LÉPINETTE, 2015). Já o modelo *histórico-descritivo* foi dividido pela autora em dois submodelos: O *descritivo-comparativo*, centrado nas teorias da tradução, ou “nos diferentes conceitos aos quais se articulam estas teorias” e sua “evolução no tempo”⁴; e o *descritivo-contrastivo*, que analisa as muitas traduções de um mesmo texto de partida (LÉPINETTE, 2015). O modelo descritivo-comparativo lida com os metatextos, isto é, “o conjunto das reflexões sobre a tradução, os escritos teóricos do passado que permitem a análise dos conceitos metatradutológicos”⁵. Em termos de técnicas de análise desse modelo, Lépinette propõe: buscar nas fontes o percurso de um conceito metatradutológico ao longo do tempo; mapear o conjunto de conceitos metatradutológicos em um mesmo texto; comparar o percurso de um ou vários conceitos metatradutológicos com conceitos de outras disciplinas, como a linguística, por exemplo (2015).

Lieven D’hulst (1995), entre seus pontos de reflexão, aponta as fontes documentais de pesquisa, o contexto dos discursos tradutórios e a transformação das ideias neles presentes ao longo do tempo como fundamentais em uma investigação. Para D’hulst, o objetivo primeiro do historiador que pesquisa os discursos tradutórios deve ser a sua “reconstrução ideal, segundo o ponto de vista daqueles que os conceberam e de seus usuários” (1995, p. 19). Apesar de difícil, aquilo que ele considera uma “reconstrução ideal” é possível na medida em que o historiador das teorias da tradução eleja uma abordagem tomando como base seu projeto de pesquisa e defina claramente seu objeto (D’HULST, 1995). D’hulst (2014), mesmo quando trata da Historiografia de Tradução de forma mais ampla, apresenta o discurso tradutório como importante em todas as possíveis frentes de pesquisa. Ao se ocupar da história dos sujeitos da

² No original: “[...] *what translators have had to say about their art/craft/science; how translations have been evaluated at different periods; what kinds of recommendations translators have made or how translation has been taught; and how this discourse is related to other discourses of the same period?*”.

³ É nossa toda tradução cujo original esteja em nota e rodapé.

⁴ No original: “[...] *en los diferentes conceptos a los cuales se articulan estas teorías [...] evolución en el tempo [...]*”.

⁵ No original: “[...] *el conjunto de las reflexiones sobre la traducción, los escritos teóricos del pasado que permiten el análisis de los conceptos metatraductológicos.*”.

tradução, do que foi e do que não foi traduzido, dos locais de sua produção, impressão e distribuição, ele inclui em sua análise a historicidade das teorias e reflexões sobre a tradução.

A pesquisa cujos resultados apresentamos tem como base o entendimento de que a historiografia tem seu lugar estabelecido nos Estudos da Tradução (HURTADO ALBIR, 1994), de que existem questões a serem lançadas ao objeto (WOODSWORTH, 1998), de que no campo já se consolidaram modelos de abordagem que incluem fontes documentais e delimitações temporais (LÉPINETTE, 2015), e de que cabe ao historiador da tradução a constituição do *corpus* de análise, a escolha espacial e cronológica e o estudo do contexto e da epistemologia dos quais emergiram a teoria ou as teorias estudadas (D’HULST, 1995; 2014).

3 Breves anotações sobre a crítica oitocentista

O século XIX foi considerado o “século da imprensa” (CHARLE, 2004). Após a Revolução Francesa, os periódicos diários ganham espaço no cotidiano francês. Em termos de formato, os jornais vão se distanciando do livro, ao mesmo tempo em que, em termos de conteúdo, vão se aproximando da literatura. Em 1800, os jornais são impressos em grandes formatos, exigindo um aparato tipográfico autônomo em relação ao livro. Neles eram veiculados, além das notícias cotidianas, críticas literárias e romances-folhetim. Isso faz com que a história da imprensa também faça parte da história da literatura (JURT, 2013) e, em nosso caso, da história da tradução.

A crítica literária moderna também teria sido elaborada no século XIX:

A crítica tal como a conhecemos e a praticamos é um produto do século XIX. Antes disso, existiram críticos. Bayle, Fréron, Voltaire, Chapelain, d’Aubignac, Denys d’Halicarnasse, Quintilien foram críticos. Mas não existia crítica. Eu tomo a palavra em seu sentido bem material: um corpo de escritores mais ou menos especializados que têm por profissão falar de livros [...]⁶ (THIBAUDET, 1930, p. 7).

A “corporação de críticos” teria surgido a partir de membros de duas profissões que acabaram por se debruçar sobre questões de literatura: o magistério superior e o jornalismo. Professores universitários passam a se dedicar à crítica literária na primeira metade do século e, sob o Império Napoleônico e a Restauração, os jornalistas abraçaram a crítica literária em detrimento do jornalismo político (então sob forte censura). O jornalismo literário era a “linguagem natural da crítica literária” (THIBAUDET, 1930, p. 8).

⁶ No original: “*La critique telle que nous la connaissons et la pratiquons est un produit du XIX^e siècle. Avant le XIX^e siècle, il y a des critiques. Bayle, Fréron et Voltaire, Chapelain et d’Aubignac, Denys d’Halicarnasse et Quintilien sont des critiques. Mais il n’y a pas la critique. Je prends le mot dans son sens très matériel : un corps d’écrivains plus ou moins spécialisés, qui ont pour profession de parler des livres [...]*”.

Em 1818, Eckard escreveu sobre a importância da crítica literária nos primeiros anos do século XIX. Ele afirma que, após uma longa interrupção, devido a todo o processo da Revolução Francesa, e a oscilação entre períodos com e sem censura, no começo do século “viu-se um grande número de distintos homens de letras trabalhar em conjunto para trazer de volta o reino do bom gosto”. Teriam esses letrados muito a fazer, pois, segundo Eckard, “todas as noções do verdadeiro e do bom, em literatura, estavam corrompidas”, naquele período “a república das letras oferecia um espetáculo deplorável da mais completa anarquia”. O público “imparcial” apoiou esse grupo e, “graças às felizes mudanças que eles realizaram, o começo do século XIX tornou-se uma época notável da nossa litteratura” podendo ser considerada “como uma era absolutamente nova”. Apesar de, na opinião de Eckard, poucas novas obras de relevância terem sido publicadas, ele considera os primeiros 18 anos do século XIX como o período de “renascimento da crítica”⁷ (ECKARD, 1818, p. i).

O *Débats*⁸ foi fundado em 1789 durante a Revolução Francesa. Seu objetivo era servir de veículo das decisões da Assembleia Nacional, levando-as, da forma mais rápida possível, a toda a população francesa. O jornal foi adquirido pelos irmãos Bertin em 1799. Louis-François Bertin, conhecido como Bertin l’Aîné, iniciou sua carreira jornalística redigindo artigos contrários aos jacobinos. No entanto, a profissão pela qual foi reconhecido pela Convenção era a de tradutor, ocupando-se principalmente de romances ingleses. Seu irmão mais novo, Louis François Bertin, ou Bertin de Veaux, também era jornalista e escrevia em pequenas folhas diárias durante a Revolução. O primeiro empreendimento comum dos irmãos foi o jornal *l’Éclair*, no qual defendiam ideias políticas moderadas e um governo constitucional marcado pela manutenção dos três poderes. Com o golpe de estado de 18 Frutidor⁹, o *Éclair* passa a se chamar *Annales politiques et littéraires*, para driblar a censura, tendo como sede de sua redação a *imprimerie* Lenormant, no número 42 da rua *des Prêtres-Saint-Germain l’Auxerrois*, em Paris. Todavia, com o golpe de estado de Napoleão, a maioria dos jornais é extinta, restando apenas 23 registrados. Entre estes, estava o *Journal des Débats*, que acaba sendo comprado pelos irmãos Bertin, desejosos de continuar seus projetos jornalísticos (WEIS, 1889).

⁷ No original: “[...] dans les premiers jours de ce siècle, on vit un grand nombre de gens de lettres distingués travailler de concert à ramener le règne du bon goût. [...] toutes les notions du vrai et du bon, en littérature, étaient corrompues [...] la république des lettres offrait le spectacle déplorable de la plus complète anarchie. [...] impartial [...] grâce aux heureux changements qu’ils opéraient, le commencement du dix-neuvième siècle devint une époque remarquable de notre littérature [...] comme une Ère absolument nouvelle [...] renaissance de la critique.”

⁸ Então *Journal des débats et décrets*.

⁹ No golpe de 18 Frutidor do Ano V (04 de setembro de 1797), os republicanos buscaram conter os contrarrevolucionários (em especial os monarquistas) realizando prisões e deportações, anulando eleições legislativas e cerceando a liberdade de imprensa.

Em 1800, o jornal circulou sob nova proposta. Às notícias oficiais somaram-se informações do cotidiano e culturais, incluindo peças teatrais e novidades literárias. Os Bertin tiveram a ideia de publicar duas tiragens do mesmo número, uma delas contendo uma novidade: um espaço no rodapé chamado *feuilleton*, dedicado às questões de cultura. O projeto dos Bertin para o novo *Débats* não prescindia da crítica. Para “formar um espírito público”, seus redatores

não somente tentaram esta reforma pela política, mas tentaram realizá-la nos costumes, transformando a literatura. Transformar os costumes! Transformar a literatura [...]. Trabalhou nisso como um jornal pode fazer: através da transformação da crítica¹⁰ (WEISS, 1889, p. 116).

Em 20 de fevereiro, Julien Louis Geoffroy, amigo dos Bertin, começou suas atividades como administrador do Folhetim, redigindo notícias culturais, recebendo e publicando cartas e anúncios. Aquela que é considerada a primeira crítica de Geoffroy foi publicada em 2 de março de 1800. Exigente, o crítico vaticina o “naufrágio” da peça, inaugurando, conforme a tradição, a crítica literária do *Débats*.

Todavia, o que não é lembrado nos anais históricos é que no dia 12 de fevereiro daquele mesmo ano, uma resenha já havia sido publicada no jornal, discorrendo sobre a nova tradução da obra *Les Idylles de Théocrite*. Não no rodapé do jornal, mas em seu corpo, a resenha estava inserida na seção *Variétés*, que até então trazia notícias políticas e correspondências e que, aos poucos, foi se tornando eminentemente literária. O autor da resenha, com polidez, traçou as qualidades da obra, bem como apontou onde o tradutor teria “pecado” contra o texto. O autor da tradução criticada era Geoffroy, que depois tornou-se o renomado e polêmico crítico da primeira metade do século XIX. Os jornais da época, hoje documentos históricos, comprovam que a crítica literária do *Débats* não nasceu com Geoffroy criticando, mas tendo seu trabalho de tradução criticado. Em torno dele surge uma nova escola crítica: “a escola do *Débats*” (JURT, 2013, p. 281).

Em 1805, Napoleão I, que dois anos antes havia ordenado o exílio de Bertin l’Ainé por suas posições políticas, resolveu “propor” uma mudança de nome para o periódico, que passou a se chamar *Journal de l’Empire*. O governo se apropriou de mais de 30% das ações do jornal, forçando a presença de um censor que cuidava de perto da sua redação (WEISS, 1889).

¹⁰ No original: “[...] non seulement ils tentèrent cette réforme pour la politique, mais ils voulurent l’opérer dans les mœurs en transformant la littérature. Transformer les mœurs! Transformer la littérature ! [...] Il y travailla, comme un journal peut le faire, par la transformation de la critique.”.

Bertin retorna do exílio apenas com a queda de Napoleão e com a Restauração Monárquica, período em que o periódico volta a se chamar *Débats*¹¹.

Os críticos que participam do debate estudado no presente artigo são Dussault e Féletz. Jean Joseph Dussault (1769-1824) voltou-se ao jornalismo desde muito jovem, colaborando com diversos periódicos ao longo de sua vida. Durante a Revolução Francesa, chegou a cooperar com um jornal jacobino, *l'Orateur du Peuple*. Seu nome, como jornalista e crítico literário, ganhou notoriedade a partir de seus escritos publicados no *Journal des Débats*. Tido como crítico de “gosto severo”, Dussault, segundo escrevera mais tarde seu amigo Féletz, “combatia com força e talento todos os sofismas dos inovadores literários”. Foi considerado “o adversário mais formidável das traduções e dos tradutores”¹² (MONFALCON, 1835, p. xvii). Charles Marie Dorimond de Féletz (1767-1850) foi um clérigo que, na Revolução Francesa, foi deportado sob a acusação de negar-se a jurar à *Constitution Civile du Clergé*. Ao receber o perdão, no golpe de estado de 18 Brumário, retornou à Paris e começou a trabalhar no *Journal des Débats*. Era conhecido por se mostrar “constantemente antipático a toda inovação literária”. Na Academia Francesa, era apontado como um dos “homens distintos que trabalharam na restauração do sentido moral, do gosto, da língua”¹³ (LAROUSSE, 1872, p. 193).

4 Intraduzibilidade

Em dezembro de 1812, Dussault lança uma nova etapa nas discussões acerca da tradução. Se antes, nas páginas do *Débats*, as questões basicamente envolviam temas como fidelidade/infidelidade ou ser fiel à letra ou ao sentido, o crítico propõe que determinadas obras nunca poderiam ser traduzidas. O único crítico da redação que o rebateu, mesmo que sem a equivalente veemência de Dussault foi Féletz. A seguir, os posicionamentos de ambos.

4.1 Dussault e a intraduzibilidade dos antigos

Em dezembro de 1811, em uma resenha sobre uma tradução das *Odes* de Anacreonte, Féletz negou a intraduzibilidade que, segundo ele, alguns defendiam, dizendo: “estamos inclinados a considerar impossível o que é realmente muito difícil de executar”¹⁴ (FÉLETZ, 1811, p. 4).

¹¹ Durante os Cem dias de Napoleão, o jornal mais uma vez é publicado como *Journal de l'Empire*.

¹² No original: “[...] *goût sévère* [...] *combattait avec force et talent tous les sophismes des novateurs littéraires. [...] l'adversaire le plus formidables des traductions et des traducteurs.*”.

¹³ No original: “[...] *hommes distingués qui travaillèrent à la restauration du sens moral, du goût, de la langue* [...]”.

¹⁴ No original: “[...] *nous sommes assez portés à regarder comme impossible ce qui véritablement est très difficile* [...] *d'exécuter.*”.

No ano seguinte, também em dezembro, Dussault publica uma resenha na qual afirma que traduzir autores antigos como Cícero e Salústio seria “um trabalho tão ingrato quanto penoso, uma tarefa igualmente difícil e infrutífera”¹⁵ (DUSSAULT, 1812, p. 2).

Féletz e Dussault ecoam em seus discursos, de certa forma, algo gravado no próprio verbete *tradução* do dicionário da Academia Francesa: “A tradução é um trabalho penoso”¹⁶, na primeira edição (ACADÉMIE, 1694, p. 583) e “A tradução é um trabalho difícil”¹⁷, a partir da sexta edição (ACADÉMIE, 1835, p. 868).

Os argumentos de Dussault sustentam uma conclusão que vai de encontro à de seu colega de redação Féletz. Ao contrário de definir os limites e as possibilidades da tradução diante da sua dificuldade, ele sustenta a sua impossibilidade, considerando os clássicos intraduzíveis.

Dussault ao resenhar a tradução feita por Gerlache da *Catilina* de Salústio, lembra já ter lido algumas traduções desse autor, afirmando que existem poucos autores antigos “que sejam tão rebeldes aos esforços do tradutor”. Tácito e Salústio eram, segundo Dussault, o “desespero” dos tradutores. E, para evitar mal-entendidos, o crítico já estabelece a linha de raciocínio que seguirá na resenha: sua afirmação sobre os dois autores não queria dizer que “é mais fácil alcançar boas traduções de outros escritores da Antiguidade”, somente que, entre todos os autores antigos que geram ao trabalho de tradução dificuldades pelas diferenças entre o “gênio” dos autores e o “talento dos tradutores” e o fato do latim ser “mais preciso” que o francês, Tácito e Salústio são verdadeiramente “inacessíveis”¹⁸ (DUSSAULT, 1812, p. 1).

Ao lembrar dos tradutores que se dispuseram a traduzir Salústio, Dussault os compara a gladiadores que descem à arena para desafiar um lutador invencível: “sucumbiram um após o outro”. Mas, caso alguém perguntasse sobre quando viria um gladiador capaz de vencê-lo, Dussault se diz capaz de “responder categoricamente: jamais!”¹⁹ (1812, p. 1).

O crítico insere em seu argumento outro autor antigo, Cícero, como uma espécie de ponto oposto ao de Salústio e Tácito, os quais tinham o estilo muito semelhante, a seu ver. Estes dois teriam a “concisão”, enquanto Cícero tinha a “harmonia”, qualidades intraduzíveis do latim para o francês. Nesse sentido, não traduzir as características do estilo do autor significaria não os traduzir de fato. Na opinião de Dussault, os tradutores, diante de “excelentes modelos” como

¹⁵ No original: “[...] un travail aussi ingrat qu’il est pénible, une tâche également difficile et infructueuse [...]”.

¹⁶ No original: “[...] La traduction est un travail pénible [...]”.

¹⁷ No original: “[...] La traduction est un travail difficile [...]”.

¹⁸ No original: “[...] qui soient plus rebelles aux efforts des traducteur [...] désespoir [...] est beaucoup plus facile de parvenir à de bonnes traductions des autres écrivains de l’antiquité [...] génie [...] talent des traducteurs [...] plus précise [...] inabondables [...]”.

¹⁹ No original: “[...] ils ont tous succombé les uns après les autres [...] répondre affirmativement: jamais !”.

Salústio e Cícero, tentavam dar-lhes uma “nova forma de existência”, mas, na verdade, levavam-nos à “morte”²⁰ (1812, p. 2).

Para o crítico, existia na França “infinitamente mais originais bons que traduções boas; o número destas últimas é mesmo muito pequeno” por ser “impossível traduzir de uma maneira satisfatória os grandes modelos da literatura antiga”. Todavia, ele deixa claro que estava tratando “sempre das traduções de autores antigos”. Dussault chega a dizer que o trabalho de Delille nas *Geórgicas* de Virgílio pode ser considerado um dos “monumentos” da literatura francesa²¹, no qual foram atingidos os limites da tradução na França. Limites que nem sempre dizem respeito à capacidade dos tradutores, mas à tradução, que é uma tarefa “extremamente difícil” e apresenta “dificuldades insuperáveis”²² (1812, p. 3).

Contrariando a visão de aprimoramento progressivo das traduções, Dussault afirma que seria um trabalho inútil “examinar quantos degraus os tradutores desceram ou subiram em relação a seus antecessores”. Para ele, sempre será suficiente dizer que os tradutores estão, “como seus predecessores, muito longe de seu modelo” e que uma “força invencível”²³ impede sua aproximação (1812, p. 3).

Voltando-se à Gerlache, o tradutor da *Catilina*, Dussault já adianta ao leitor que seu parecer não será favorável em relação ao seu trabalho. Todavia, as reflexões apresentadas sobre a intraduzibilidade dos Antigos deveriam servir de consolo ao tradutor, escreve o crítico. Elas não se limitavam ao passado, mas avançavam no futuro. Gerlache deveria ter a certeza: “Nunca se fará uma boa tradução de Salústio”²⁴ (1812, p. 3).

Na resenha, Dussault diz existir apenas uma utilidade na tradução dos Antigos: “é tentando traduzir os grandes modelos da Antiguidade que se pode aprender a arte de escrever”²⁵. A tradução se restringiria a um caráter pedagógico. A imitação dos Antigos auxiliaria na formação dos escritores, porém não deveria ser publicada (1812, p. 3).

²⁰ No original: “[...] *concision [...] harmonie [...] excellens modèles [...] nouvelle forme d’existence [...] mort.*”.

²¹ Curioso o fato de Dussault deixar de lado sua dificuldade em apreciar o trabalho de Delille, justamente quando inicia sua defesa da intraduzibilidade.

²² No original: “[...] *infiniment plus de bons originaux que de bonnes traductions; le nombre de ces dernières est même très-petit [...] impossible de traduire d’une manière satisfaisante les grands modèles de la littérature ancienne. [...] toujours des traductions des auteurs anciens.*” “[...] *monuments [...] extrêmement difficile [...] difficultés insurmontables.*”.

²³ No original: “[...] *examiner de combien de degrés les traducteurs sont descendus au-dessous, ou se sont élevés au-dessus, de leurs devanciers. [...] comme leurs prédécesseurs, très loin de leur modèle [...] force invincible [...].*”.

²⁴ No original: “*On ne fera jamais une bonne traduction de Salluste.*”.

²⁵ No original: “[...] *en s’essayant à traduire les grands modèles de l’antiquité que l’on peut apprendre l’art d’écrire.*”.

Em 1813, no *Débats*, uma nota entre as notícias do Império francês, sem menção de autoria, trazia a seguinte informação: “A questão das traduções acaba de agitar vivamente a República das Letras: ela dividiu as mentes”²⁶ (EMPIRE, 1813, p.4).

Em julho daquele ano, o homem que agitara a República das Letras, Dussault, aproveita a crítica que deveria apresentar à obra *Oraisons choisies de Cicéron* traduzida por Bousquet, para reforçar sua posição, ao lembrar que “audaciosamente” teria afirmado que “os grandes escritores da Antiguidade são intraduzíveis” e alarmado o “campo dos tradutores”. Relata ter recebido algumas cartas “furiosas” nas quais “os furores não provaram nada”, e outras “um pouco mais calmas”, cujos interlocutores com “o sangue frio” não lhe teriam apresentado em oposição senão “razões muito ruins”²⁷ (DUSSAULT, 1813b, p. 1). Dirigindo-se aos tradutores, escreve:

Tradutores, tenham a coragem de entender; tradutores presentes e futuros, não procurem derrubar minha doutrina através de seus sofismas inúteis: ela é desoladora, eu concordo; mas ela permanecerá apesar de todos os seus argumentos e suas obras [...]. Já provei a impossibilidade de traduzir, de uma maneira inteiramente satisfatória, as principais obras-primas da literatura antiga. Eu já provei por fatos, argumentos e por raciocínios: os fatos são conclusões que surgem da essência mesma das línguas, que os tradutores querem fazer rivalizar entre elas. Nem Cícero, nem Salústio, nem Tito Lívio foram ainda traduzidos. Eu ousou afirmar que eles não o serão jamais²⁸(DUSSAULT, 1813b, p. 2).

Apesar de admitir que seu posicionamento é “áspero e duro”, Dussault questiona a própria utilidade da tradução das obras antigas. A quem ela seria útil? Para o crítico, os estudantes não deveriam ler traduções para conhecer os autores apresentados em classe. As “pessoas letradas” deveriam “ler os originais” e se, alguma vez depois disso, lerem as traduções, “as fracas e pálidas cópias que vocês lhes oferecem”, afirma Dussault ainda se dirigindo aos tradutores, teriam apenas “um sentimento um pouco mais vivo talvez das belezas” que os tradutores costumam “desfigurar e ultrajar”. Já as “pessoas do mundo”, que “leem bem pouco”, têm “ainda lido menos traduções” e, além do mais, são elas que desmerecem as “divindades do Parnaso

²⁶ No original: “[...] *Les questions des traductions vient d’être vivement agitée dans la république des lettres : elle a divisé les esprits.*”

²⁷ No original: “[...] *hardiment [...] les grands écrivains de l’antiquité sont intraduisibles [...] camp des traducteurs [...] furieuses [...] un peu plus calmes [...] les fureurs ne pouvoient rien [...] le sang-froid [...] des raisons assez mauvaises [...].*”

²⁸ No original: “*Traducteurs, ayez donc le courage de l’entendre; traducteurs présents et futurs, ne cherchez donc pas à renverser ma doctrine par vos inutiles sophismes : elle est désolante, j’en conviens ; mais elle tiendra contre tous vos arguments; et vos ouvrages [...] J’ai prouvé l’impossibilité de traduire, d’une manière entièrement satisfaisante, les principaux chefs-d’œuvre de la littérature ancienne; je l’ai prouvée, dis-je, et par des faits, et par des raisonnements : les faits sont les traductions qu’on a publiées jusqu’ici : les raisonnements sont des conclusions qui sortent de l’essence même des langues, que les traducteurs veulent faire rivaliser entre elles. Ni Cicéron , ni Salluste , ni Tite-Live n’ont encore été traduits : j’ose affirmer qu’ils ne le seront jamais.*”

antigo”, e que entendem “o culto rendido aos antigos como uma espécie de superstição”, acabando por guardar “um secreto desprezo por essas obras-primas imortais que não podem ser suficientemente admiradas ou respeitadas por eles”²⁹ (DUSSAULT, 1813b, p. 1).

O crítico, que, no ano anterior, havia afirmado que a tradução serve mais como um exercício para o escritor noviço, acrescenta os professores como aqueles a quem a tradução é útil. Diante dos alunos, as traduções que realizam lhes servem de aprimoramento do conhecimento que devem ter dos Antigos e, ao compararem as suas com as traduções já existentes, confessando a “insuficiência de seus esforços”, os professores mais seriam tomados por “uma verdadeira admiração por seus mestres da literatura antiga” e, assim, levariam esse sentimento também aos seus discípulos. A isso, conclui Dussault, “se reduz a utilidade clara e positiva das traduções”³⁰.

A tradução de versos, todavia, não entra no rol das “úteis”. Agora, Dussault afirma que “não são senão imitações mais ou menos enganosas, mais ou menos distantes do modelo”. Nem a tradução de Jacques Delille, um dos tradutores mais reverenciados na época, escapa desse veredito: apesar de ser “a mais brilhante, a mais célebre de todas”, ela substitui o “colorido de Virgílio” por “outra espécie de colorido”, ela representa “muito imperfeitamente a maneira [...], o fazer do príncipe dos poetas latinos”³¹ (1813b, p. 2).

Cada tradutor, afirma o crítico, pretende ter feito melhor que seus antecessores, mas isso apenas é fruto do “amor-próprio”. Considerando ser essa melhora real e ouvindo quem defende ser um passo “em direção à perfeição”, Dussault questiona se essa perfeição é possível. Sua resposta é que “o mundo terá o tempo de acabar antes que se chegue a ela, caminhando assim, a passos de tartaruga”. Apesar dos tradutores subirem “nos ombros uns dos outros”, para o crítico, eles “são anões”³² que, liliputianos, nunca chegariam à mesma altura do gigante que desejam traduzir.

No mês seguinte, Dussault responde uma carta que lhe é dirigida. O remetente entende que a “singular doutrina” do crítico, que negava ou limitava exageradamente a utilidade da

²⁹ No original: “[...] *âpre et dure. [...] gens de lettres [...] lire les originaux [...] les foibles et pâles copies que vous leur offrez [...] un sentiment un peu plus vif peut-être des beautés [...] défigurées et outragées. [...] gens du monde [...] lisent bien peu [...] encore lu moins de traductions [...] divinités du Parnasse antique [...] le culte rendu aux anciens comme une espèce de superstition [...] un secret mépris pour ces chefs-d’oeuvre immortels qu’on ne peut assez ni admirer, ni respecter.*”

³⁰ No original: “[...] *insuffisance de leurs efforts [...] une véritable admiration pour les maîtres de la littérature ancienne. [...] se réduit l’utilité claire et positive des traductions.*”

³¹ No original: “[...] *ne sont que des imitations plus ou moins trompeuses, plus ou moins éloignées du modèle. [...] la plus brillante, la plus célèbre de toutes [...] coloris de Virgile [...] autre espèce de coloris [...] très-imparfaitement la manière [...], le faire du prince des poètes latins.*”

³² No original: “[...] *amour-propre. [...] vers la perfection. [...] le monde aura le temps de finir avant qu’on y parvienne, en marchant ainsi à pas de tortue. [...] sur les épaulés les uns des autres [...] ce sont des nains.*”

tradução dos antigos, na verdade visava “afligir os escritores laboriosos e estimáveis que se aplicam a fazer passar à nossa língua as obras que nos transmitiu a Antiguidade”. A expectativa do autor da carta era que Dussault reconhecesse que “no calor da disputa” ele teria ido “um pouco longe demais”³³ (DUSSAULT, 1813a, p. 3).

O argumento de Dussault em sua resposta parte do princípio de que existem apenas dois tipos de leitores: “uns sabem o latim, os outros não sabem”. O crítico entende que os tradutores não trabalham para os primeiros (“você não podem esperar que suas traduções substituam os originais entre suas mãos”). Para Dussault, as traduções não são capazes de apresentar a “expressão viva e enérgica que as colore”, são como “o reverso da tapeçaria, no qual se vê a disposição das figuras do quadro”, ou seja, é possível ver a ordem que o autor deu a seu pensamento, mas não “a magia da elocução que dá a essa ordem todo o seu mérito”. Não é possível conhecer um autor como Tácito, por exemplo, pela tradução. O crítico escreve: “você não conhecem, você não conhecerão nunca por esse meio. Mostra-se para você um fantasma que deseja persuadi-los que veem Tácito: não creiam em nada disso. Não é ele. Não é nem mesmo a sua sombra”³⁴ (1813a, p. 1).

Dussault, então, apresenta uma nova faceta da sua opinião sobre possíveis utilidades da tradução, visto que apresentar os autores antigos ao público não seria uma delas. Para ele, autores como Salústio, Tácito e Tito Lívio entram na classe que ele chama de “técnicas” e explica: todo autor que “apresenta sempre um fundo de instrução qualquer”, independentemente do estilo, da língua, é próprio para “ser transportado para todas as línguas” e pode “justificar mais ou menos o empreendimento do tradutor”. Essa justificativa se dá, sobretudo, quando a obra tratar de “fatos históricos ou de teorias filosóficas, ou de métodos e procedimentos relativos às artes”³⁵ (1813a, p. 1).

4.2 Féletz e a intraduzibilidade

Em 1813, Féletz, mesmo sem citar diretamente seu colega Dussault, se posiciona sobre a questão da intraduzibilidade. Escreve que essa discussão “tornou-se célebre” devido a “um

³³ No original: “[...] *désoler les écrivains laborieux et estimables, qui s’appliquent à faire passer dans notre langue les ouvrages que nous a transmis l’antiquité. [...] dans la chaleur de la dispute [...] un peu trop loin.*”

³⁴ No original: “[...] *les uns savent le latin, les autres ne le savent pas. [...] vous ne sauriez espérer que vos traductions remplacent les originaux entre leurs mains. [...] expression vive, énergique qui les colore [...] des revers de tapisseries, on voit la disposition des figures du tableau [...] la magie de l’élocution qui donne à cet ordre tout son prix. [...] vous ne le connaissez pas, vous ne le connaîtrez jamais par ce moyen; on vous montre un fantôme, et l’on veut vous persuader que vous voyez Tacite: n’en croyez rien; ce n’est pas lui; ce n’est pas même son ombre.*”

³⁵ No original: “[...] *techniques [...] présent toujours un fonds d’instruction quelconque [...] être transporté dans toutes les langues [...] justifier plus ou moins l’entreprise du traducteur. [...] faits historiques ou de théories philosophiques, ou de méthodes et de procédés relatifs aux arts.*”

crítico cuja arte, talento e lógica ao mesmo tempo firme e sutil podem dar peso a um paradoxo.”³⁶. Essa constatação de Féletz deu-se ao perceber que uma tradutora cuja obra ele estava resenhando estava diminuindo o valor do ofício a que se dedicara por longos anos, ao compará-lo ao do gravador de metal, que não deixa transparecer na cópia a vida do original (FÉLETZ, 25 ago. 1813, p. 3). O trabalho dos tradutores estava sendo posto em xeque e Féletz resolveu tomar posição.

Em 1814, diante da tradução feita por J. B. de Saint-Victor na obra *Odes* de Anacreonte, Féletz afirmou estar diante de uma tradução “infinitamente superior a todas as traduções ou imitações conhecidas do mesmo poeta”. Disse ainda que “nenhum outro se aproximou tanto do original, nem lhe traduziu com tanta fidelidade, elegância e harmonia”. O mérito de Saint-Victor estava, apesar de apresentar em alguns versos “um pouco de *secura*”, em ter lutado “contra as dificuldades que lhe opuseram a perfeição do modelo e a graça do original”³⁷ (1814, p. 2).

Todavia, mais do que apresentar o êxito de um tradutor de poesia, que conseguiu aliar fidelidade e elegância, a resenha de Féletz tratava do conteúdo do prefácio de Saint-Victor à obra que traduzira. Antes de adentrá-lo, o crítico apresenta o problema que inquietava o mundo das Letras de então:

Poesias, discursos são obras que têm um de seus primeiros méritos na escolha e no arranjo das palavras, na beleza das imagens, nas graças da elocução, nos charmes do estilo, na doçura, na energia, na harmonia da língua. Encontrarão em uma outra língua as mesmas vantagens ou vantagens equivalentes, supondo que elas encontrem um tradutor que sinta perfeitamente tudo o que essas obras têm em sua forma primeira e original e que seja capaz de lhes revestir de tudo o que elas possam ter na cópia que ele quer apresentar? Não serão necessariamente completamente desfiguradas nessa cópia e inteiramente irreconhecíveis? Em uma palavra, é necessário traduzir? é útil traduzir? é possível traduzir? Eis questões que não são novas, mas que têm sido vivamente renovadas atualmente sob novas considerações, sob novas relações, e debatidas talentosamente, porque os novos ataques contra as traduções e os tradutores fixaram a atenção dos amigos das Letras, aos olhos de quem uma discussão dessa natureza tem uma verdadeira importância³⁸ (1814, p. 3).

³⁶ No original: “[...] *cette discussion que vient de rendre célèbre un critique, dont l’art, le talent et la logique à la fois ferme et subtile peuvent donner du poids à un paradoxe.*”.

³⁷ No original: “[...] *infiniment supérieure à toutes les traductions ou imitations connues du même poète. [...] aucun autre ne s’approche autant de l’original, et ne le traduit avec autant de fidélité, d’élégance, d’harmonie. [...] un peu de sécheresse [...], contre les difficultés que lui opposoient la perfection du modèle et la grâce de l’original.*”.

³⁸ No original: “*Des poésies, des discours, des ouvrages qui tirent un des leurs premiers mérites du choix et de l’arrangement des mots de la beauté des images, des grâces de l’élocution, des charmes du style, de la douceur, de l’énergie, de l’harmonie de la langue, trouveront-ils dans une autre langue les mêmes avantages, ou des avantages équivalents, en supposant même qu’ils trouvent un traducteur qui sente parfaitement tous ceux qu’ils ont dans leur forme primitive et originale et qui sont capable de les revêtir de tous ceux qu’ils peuvent avoir dans la copie qu’il veut en présenter ? Ne seront-ils pas nécessairement tout-à-fait défigurés dans cette copie, et entièrement méconnaissables? En un mot, faut-il traduire ? est-il utile de traduire ? est-il possible de traduire ? Voilà des questions qui ne sont pas neuves mais qui ont été vivement renouvelées de nos jours envisagées sous des rapports nouveaux, et débattues avec assez de talent pour que ces nouvelles attaques contre les traductions et les*

O prefácio da obra resenhada por Féletz reflete a discussão acerca dessas questões e traz o debate acerca da intraduzibilidade, neste caso, entre Saint-Victor e La Harpe. Nele, Saint-Victor apresenta uma resposta a La Harpe. Este acreditava ser impossível traduzir Anacreonte, afirmando que a língua francesa é “desprovida de ritmo e de harmonia” necessários para traduzir o poeta grego. E, quanto ao fato de suas poesias serem compostas com inspiração (um dos argumentos de La Harpe para a intraduzibilidade), Saint-Victor responde que todos os poetas são inspirados, e isso não corrobora a ideia de que nenhum poeta possa ser traduzido. Um exemplo citado em seu prefácio é o de Jacques Delille que, sabendo da “inspiração divina” de Virgílio, não abriu mão de traduzir as *Geórgicas*, legando à língua francesa uma “admirável tradução”. Nunca seria, portanto, “impossível fazer uma cópia de um original tão perfeito”³⁹. Para Féletz, a refutação de Saint-Victor foi vitoriosa (1814, p. 4).

No entanto, Féletz lembra ao seu leitor de uma “voz muito imponente” que se elevou apresentando o objeto desse debate. Dussault, segundo Féletz, teria afirmado que nem só nenhum poeta pode ser traduzido, como também nenhum autor que tenha estilo e talento. Para ele, a “turba de tradutores” podia apenas se dedicar às “obras puramente técnicas, os tratados elementares, os escritos sobre as ciências abstratas e positivas”. Féletz ainda escreve que, comparado a La Harpe, Dussault é um adversário “mais exclusivo ainda em seu sentimento, mais completo em seu soberbo desdém a toda tradução”⁴⁰ (1814, p. 4).

Féletz escreve em sua resenha das *Odes* de Anacreonte que Saint-Victor respondeu a Dussault no prefácio da segunda edição da obra, mas não apresenta os pontos respondidos pelo tradutor. O crítico apenas diz que Saint-Victor defendeu seu posicionamento “com muito talento”, apresentando “excelentes argumentos” próprios e “de grandes autoridades”. Apesar de se dizer “ligado por uma antiga e estreita amizade aos dois adversários”, Féletz se vê “obrigado a tomar partido”. Diante dos dois, opta pelo “sentimento de Saint-victor”, já que o de Dussault lhe parecia “muito absoluto, e muito exclusivista”. O abade ainda remete a discussão a um próximo artigo, visto que Dussault, que agora ele tratava como “adversário”⁴¹,

traducteurs aient dû fixer l'attention des amis des lettres, aux yeux de qui une pareille discussion à une véritable importance.”.

³⁹ No original: “[...] dépourvu de nombre et d'harmonie. [...] admirable traduction. [...] impossible de faire une copie digne d'un original aussi parfait.”

⁴⁰ No original: “[...] voix fort imposante. [...] tourbe des traducteurs [...] ouvrages purement techniques, les traités élémentaires, les écrits sur les sciences abstraits et positives. [...] plus exclusif encore dans son sentiment, plus entier dans ses superbes dédains de toute traduction.”

⁴¹ No original: “[...] avec beaucoup de talent [...] excellents raisonnement [...] de grandes autorités. [...] lié par une ancienne et étroite amitié avec les deux adversaires [...] obligé de prendre un parti. [...] sentiment de M. de Saint-victor [...] trop absolu, trop exclusif. [...] adversaire.”

precisava ser combatido em um campo maior, e o espaço daquela resenha já tinha sido todo utilizado (FÉLETZ, 1814, p. 4).

O ímpeto de Féletz de enfrentar diretamente os argumentos de Dussault arrefeceu, pois esse artigo dedicado ao debate da intraduzibilidade nunca foi publicado, apenas o tema foi retomado em outra resenha, quando o crítico, em 1818, tratou da terceira edição da tradução de Saint-Victor das *Odes* de Anacreonte.

Ao retomar a questão, Féletz, mais uma vez, fala sobre o adversário que Saint-Victor teria encontrado, “um adversário muito mais temível” que “atacou não somente o tradutor de tal ou tal poeta, mas todos os tradutores”, que declarava “toda tradução impossível”. Dussault, escreve Féletz, parecia “falar muito seriamente, não em um pequeno auditório [...], mas em um jornal extremamente difundido, lido pelas mentes sólidas como pelos espíritos frívolos”, no qual o “inimigo das traduções” se dirigia “sobretudo aos primeiros” (1818, p. 4).

Nessa resenha, Féletz apresenta uma faceta interessante do caminho que levou Dussault à sua tese sobre a intraduzibilidade. Inicialmente, escreve o crítico, Dussault se limitou a “demonstrar a extrema dificuldade de fazer passar de uma língua para outra as belezas de uma obra de imaginação e de gênio”, além de afirmar “a pouca probabilidade e a extrema raridade do sucesso de semelhante empreitada”. Para Féletz, ele tinha razão. Seu erro foi levar “muito longe o rigor de seus princípios” e lançar “muita luz” sobre uma discussão que se tornou exageradamente prolongada. Se Dussault mantivesse sua opinião nessa espécie de “justa medida”, ele até prestaria um serviço à tradução, pois os poucos bons tradutores teriam seus méritos valorizados. Mas “excitado [...] pela contradição e levado pelo calor da discussão”, ele “condenou a uma sorte de desprezo todas as traduções”⁴² (FÉLETZ, 1818, p. 4).

Naquele ano de 1818, Dussault deixou de oferecer suas resenhas críticas, passando a receber uma pensão do jornal em reconhecimento aos serviços prestados (BOISJOLIN et al., 1834, p. 1541). Não houve nenhuma resposta da parte de Dussault nas páginas do *Débats* aos argumentos de Féletz. Este, por sua vez, tornou-se o grande nome das seções literárias do jornal e o mais prolífico dos seus críticos na primeira metade do século XIX.

Ao traçar um perfil de Dussault, Féletz lembra que ele já havia “por alguma insatisfação particular, suspenso por dois anos sua longa cooperação no *Journal des Débats*” antes de desligar-se definitivamente. Segundo Féletz, Dussault ainda tinha “toda a força da idade, e havia

⁴² No original: “[...] démontrer l’extrême difficulté de faire passer dans une autre langue les beautés d’un ouvrage d’imagination et de génie [...] le peu de probabilité et l’extrême rareté du succès dans une pareille entreprise. [...] trop loin la rigueur de ses principes [...] beaucoup d’éclat. [...] juste mesure. [...] excité [...] par la contradiction, et emporté par la chaleur de la discussion [...] voua à une sorte de mépris toutes les traductions.”

adquirido toda a maturidade do talento; mas naturalmente não muito diligente, entregava-se com prazer aos encantos do repouso ou aos doces passatempos das mentes preguiçosas”⁴³ (1840, p. 161).

Passada quase uma década após o debate, Féletz reaquece algumas perguntas como: “as traduções são possíveis? São úteis ou inúteis, ou mesmo nocivas?”. Também se questiona se “deve-se traduzir os poetas em verso ou em prosa”. Para ele, “todas essas questões, muito recorrentes e vivamente agitadas, estão longe ainda de serem exauridas, e possibilitam ainda muito a dizer⁴⁴ (1826, p. 3). Mesmo com Dussault ausente, a polêmica por ele levantada ainda nutria a crítica tradutória das páginas do *Débats*.

5 Considerações finais

Do debate apresentado acima, podemos recolher algumas contribuições à crítica tradutória e ao próprio entendimento do desenho da crítica literária do *Débats*.

Apesar de sua radicalidade e de tomar como base seu juízo de valor no seu “sistema”, podemos tomar os pontos levantados por Dussault sobre qual seria a utilidade da tradução de obras da Antiguidade e mesmo quais delas poderiam ser publicadas ao menos como uma tentativa de contribuir tanto com a atividade tradutória quanto com os parâmetros de publicação e, por conseguinte, de crítica. A tradução das obras clássicas era útil para quem pretendia ser escritor, mesmo que não devessem ser publicadas. Os professores, ao traduzirem os clássicos da Antiguidade, ampliariam o conhecimento e o amor pelo período. Já as que Dussault chamou de obras “técnicas” poderiam ser publicadas na medida em que seu valor estaria nas informações traduzidas e não necessariamente precisariam das nuances da forma para serem apreciadas.

A saída de Dussault que, de certa forma, fazia parte da escola de Geoffroy, o pai da crítica no jornal, com sua dureza e veemência, somada ao perfil de Féletz, sempre buscando, tanto em seus posicionamentos quanto nas traduções que criticava, uma “justa medida”, produziu uma transformação da redação do *Débats*. Com o avanço do mercado editorial, a rigidez intransigente de Dussault não tinha mais espaço. Mesmo que elogios pudessem bem conviver com a aspereza de uma crítica menos favorável, negar a possibilidade do próprio ato tradutório

⁴³ No original: “[...] *pour quelque mécontentement particulier, avait suspendu pendant deux ans sa longue coopération au Journal des Débats. [...] toute la force de l’âge, et avait acquis toute la maturité du talent ; mais naturellement peu laborieux, se livrant avec délices aux charmes du repos ou aux doux passe-temps des esprits paresseux.*”

⁴⁴ No original: “[...] *les traductions sont-elles possibles ? Sont-elles utiles ou inutiles, ou même nuisibles ? Faut-il traduire les poètes en vers ou en prose ? Toutes ces questions, très souvent et très-vivement agitées, sont loin encore d’être épuisées, et laisseroient encore beaucoup à dire.*”

seria negar grande parte das obras à disposição do público leitor. Considerar ruim uma tradução poderia prejudicar algum interesse livreiro de então, negar sua própria possibilidade seria um golpe bem mais duro e mais geral. Sócios de livreiros e impressores, os irmãos Bertin, donos do *Débats*, também lucravam com as obras resenhadas. Muitas vezes o endereço para aquisição da obra resenhada era o mesmo do jornal, onde funcionava uma gráfica. As relações comerciais envolvidas nas resenhas críticas (apresentadas, por exemplo, por Balzac em sua *Illusões Perdidas*) são matéria pertinente de pesquisa. Investigar a crítica tradutória e suas consequências no mercado das traduções, seja na escolha de obras a serem traduzidas ou retraduzidas, é uma contribuição válida à Historiografia da Tradução. É o que pretendemos em futuras pesquisas.

Referências

ACADÉMIE FRANÇAISE. **Dictionnaire de l'Académie française**. 1. Ed. Paris : Coignard, 1694.

ACADÉMIE FRANÇAISE. **Dictionnaire de l'Académie française**. 6. Ed. Paris : Firmin-Didot, 1835.

BOISJOLIN, V. ; RABBE ; SAINTE-PREUVE. **Biographie universelle et portative des contemporains**. T. 2. Paris : Levrault, 1835.

CHARLE, C. **Le siècle de la presse, 1830-1939**. Paris : Seuil, 2004.

D'HULST, L. **Essais d'histoire de la traduction** : Avatars de Janus. Paris : Classiques Garnier, 2014.

D'HULST, L. Pour une historiographie des théories de la traduction : questions de méthode. **TTR**, v. 8, n. 1, p. 3-33, 1995.

DUSSAULT, J. J. Les Commentaires de César. **Journal d'Empire**. Paris : 06 ago. 1813a, Variétés, p. 1-4.

DUSSAULT, J. J. Oraisons choisies de Cicéron. **Journal d'Empire**. Paris : 14 jul. 1813b, Variétés, p. 1-4.

DUSSAULT, J. J. Salluste. **Journal d'Empire**. Paris : 13 dez. 1812, Variétés, p. 1-4.

ECKARD. Avertissement. In : DUSSAULT, J. **Annales littéraires**. T. I. Paris : Maradan, 1818.

EMPIRE Français. **Journal d'Empire**. Paris : 21 set. 1813, p. 2-4.

FÉLETZ, C. M. D. **Jugements historiques et littéraires**. Paris : Perisse, 1840.

FÉLETZ, C. M. D. L'Énéide de Virgile. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris : 31 jul. 1826, Variétés, p. 3-4.

- FÉLETZ, C. M. D. Odes d'Anacréon. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris : 22 dez. 1818, Variétés, p. 3-4.
- FÉLETZ, C. M. D. Odes d'Anacréon, traduites en vers, sur le texte de Brunk, par J. B. de Saint-Victor. **Journal de L'Empire**. Paris : 19 dez. 1811, Variétés, p. 1-4.
- FÉLETZ, C. M. D. Odes d'Anacréon, traduites en vers, sur le texte de Brunk, par J. B. de Saint-Victor. Seconde édition revue et corrigée. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris: 28 set. 1814, Variétés, p. 1-4.
- HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000. P. 172-185.
- HURTADO ALBIR, A. **Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e intérpretes**. Madrid : Edelsa, 1994.
- JURT, J. Le siècle de la presse et la littérature en France. **Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte/ Cahiers d'Histoire des Littératures Romanes**, n. 37, p. 275-305, 2013.
- LAROUSSE, P. **Grand dictionnaire universel du XIXe siècle**. T. VIII. Paris : Administration du grand Dictionnaire universel, 1872.
- LÉPINETTE, B. (1997) La historia de la traducción. Metodología. Apuntes bibliográficos. In: LÓPEZ, P.; SABIO PINILLA, J. **Historiografía de la traducción en el espacio ibérico**. Cuenca : Universidad de Castilla, 2015. P. 139-152.
- MONFALCON, J. B. Essai sur la vie et les Ouvrages d'Anacréon. In : ANACRÉON. **Odes d'Anacréon**. Paris: Didot, 1835. pp. xi-xix.
- THIBAUDET, A. **Physiologie de la critique**. Paris: Nouvelle Revue Critique, 1930.
- WEISS, J.J. **Le livre du centenaire du Journal des Débats : 1789-1889**. Paris : Plon et Plon, Nourrit et Cie, 1889.
- WOODSWORTH, J. History of Translation. In: BAKER, M.; MALMKJÆR, K. (Org.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998. p. 100-105.

Recebido em: 17/03/2022

Aceito para publicação em: 18/04/2022